

A filosofia do gesto criador em Paul Valéry

The Philosophy of the Creative Gesture in
Paul Valéry

La filosofía del gesto creador en Paul
Valéry

Letícia Testa (UERJ-Brasil) ¹

Máximo Daniel Lamela Adó (UFRGS-Brasil) ²

1 Bacharela e Mestra em Filosofia (UFSC), Especialista em Lit., Arte e Filosofia (PUC/RS); Mestranda em Educação Filosófica com Infâncias (UERJ) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2404082329021917> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9990-113X> e-mail: letttesta@gmail.com

2 Prof. Adjunto na FAGED/UFRGS. Doutor em Educação (UFRGS), Mestre em Literatura e Licenciado em Ciências Sociais (UFSC) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5778480459612105> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7643-1785> e-mail: maximo.lamela@ufrgs.br

RESUMO

Este texto se propõe a investigar, na obra de Paul Valéry, a concepção de uma filosofia do gesto criador, ou, mais precisamente, a compreender como – por meio dos movimentos produtores da sensibilidade humana, desde sua caracterização geral como resposta ou reação inconsciente até aquela em que a consciência, em uma condição elevada de vigília, desenvolve a capacidade de compor ações complexas, segundo a compreensão do autor – se dá, em seu pensamento, a conduta estética criadora. Para tanto, tem-se como objetivo a análise de parte da obra *Cours de Poétique*, sobretudo das primeiras aulas contidas no primeiro volume, referentes ao período de 1937 a 1940. Desse modo, buscar-se-á entrever e delinear o pensamento da criação segundo os pressupostos e os preceitos valerianos.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Arte; Paul Valéry; Criação.

ABSTRACT

This text proposes to investigate, in the work of Paul Valéry, the conception of a philosophy of the creative gesture, or, more precisely, to understand how –through the movements that produce human sensibility, from its general characterization as an unconscious response or reaction to that in which consciousness, in an elevated condition of wakefulness, develops the capacity to compose complex actions, according to the author's understanding– the creative aesthetic conduct takes place in his thought. To this end, the analysis of part of the work *Cours de Poétique* is intended, especially of the first lessons contained in the first volume, referring to the period from 1937 to 1940. In this way, an attempt will be made to glimpse and delineate the thought of creation according to Valéry's assumptions and precepts.

KEY-WORDS

Philosophy; Art; Paul Valéry; Creation.

RESUMEN

Este texto se propone investigar, en la obra de Paul Valéry, la concepción de una filosofía del gesto creador, o, más precisamente, comprender cómo – a través de los movimientos productores de la sensibilidad humana, desde su caracterización general como respuesta o reacción inconsciente hasta aquella en la que la conciencia, en una condición elevada de vigilia, desarrolla la capacidad de componer acciones complejas, según la comprensión del autor – se da, en su pensamiento, la conducta estética creadora. Para ello, se tiene como objetivo el análisis de parte de la obra *Cours de Poétique*, sobre todo de las primeras lecciones contenidas en el primer volumen, referentes al período de 1937 a 1940. De este modo, se buscará vislumbrar y delinear el pensamiento de la creación según los presupuestos y preceptos valerianos.

PALABRAS-CLAVE

Filosofía; Arte; Paul Valéry; Creación.

Não me basta compreender, é preciso que eu traduza perdidamente.

Paul Valéry

Para que se possam sistematizar – ainda que de maneira inacabada e aberta, em comum acordo com o pensamento em questão – os processos e os desdobramentos de uma filosofia do gesto criador em Paul Valéry, é preciso distinguir, de antemão, os diferentes modos e graus de elaboração da sensibilidade humana. É necessário alcançar, pelo exercício da atenção do espírito, as diferentes nuances de uma sensibilidade que é sensível à própria sensibilidade, isto é, a essa singular condição de abertura que decorre das múltiplas relações que o ato criador pode trazer à tona. Trata-se de uma sensibilidade sensível ao atravessamento, no ato, de vários planos – encontro de diferentes ordens, choque entre sentidos diversos, relações de texturas em variação – que, ao abrir-se a esses fluxos heterogêneos, mantém a vigência do sensível em uma infinidade de determinações possíveis, sempre não hierarquizadas, em tensão na obra.

Isso implica um esforço de descondicionamento da percepção – sempre já capturada por formas dadas e unificadas pela cultura ou pelos modos de compreensão histórico-sociais (que respondem, apenas e primeiramente, a partir de situações vividas ou reconhecíveis e de suas respectivas representações) – por meio de uma consciência vigilante e, ao mesmo tempo, voltada para o exame minucioso dessa faculdade fundamental que é a sensibilidade. Trata-se de seguir e examinar a sensibilidade não como oposta ao intelecto, mas, ao contrário, como a sua verdadeira potência motriz (Valéry, 2017).

Mas como funciona essa faculdade desde sempre criadora – já que sentir é, mesmo de maneira imediata ou inconsciente, criar – e mobilizadora do intelecto? Valéry, enquanto “um pensador que toma a si mesmo por sujeito e objeto da apreensão intelectual” (Marx, 2023, p. 11, tradução nossa)³, aponta que, em um estado de complicação intelectual e sensorial, instaura-se uma necessidade de segunda ordem: uma necessidade que cria outra necessidade. Trata-se de um grau tal de sensibilidade que faz emergir uma necessidade de natureza estética. Nesse contexto, às “intenções e percepções do espírito” são interpostas modificações por uma atividade interna de resoluções e ordenamentos, em que o que é produzido não atende a qualquer outra finalidade – como nos indica Valéry também em “Poesia e pensamento abstrato” [texto de 1939] – senão às necessidades que devem ser criadas por essa mesma produção (Valéry, 1991).

A ação produtora de ordem estética, movida por uma necessidade e por uma sensibilidade distintas de toda e qualquer ação prática ou de conservação da vida, possui a capacidade infinita de regenerar seu estado de abertura às possibilidades. A ação estética, assim procedendo, adquire independência da matéria sobre a qual se exerce e, mesmo por meio dela – enquanto produto físico e finito na obra –, cria uma necessidade inesgotável e mantém-se como ação que não se extingue nela; ao contrário, ultrapassa-a em infinitas combinações possíveis.

3 “[...] un penser se prenant lui-même pour sujet et objet de la saisie intellectuelle.”

Ainda que a obra de Paul Valéry tenha sido amplamente estudada tanto por teóricos da crítica literária quanto por filósofos, é significativo observar que “poucos poetas buscaram aclarar o modo de pensar poético como Paul Valéry” (Schuback, 2020, p. 10). Por conseguinte, é com o intuito de dispor desse modo de pensar poético – isto é, do pensamento criador e do pensamento da criação – que, com a publicação do *Cours de Poétique*, de Paul Valéry, editado em 2023 por William Marx, tornou-se possível resgatar e investigar uma linha de pensamento valeriano até então dispersa. Aquilo que se encontrava fragmentado em diversas produções, como os Cahiers e outras obras literárias, ganha agora a visibilidade de um pensamento que influenciou significativamente filósofos e estudiosos que participaram do Curso de Poética no Collège de France, entre eles Merleau-Ponty, Emil Cioran, Maurice Blanchot, Roland Barthes, Michel Tournier, entre outros representantes do pensamento francês que então se constituiu.

Diante disso, tem-se como objetivo, seguindo principalmente o percurso das aulas do Curso de Poética, o estudo da sensibilidade humana – tanto em sua produção espontânea quanto na fabricação de obras – e do infinito estético em seu contínuo inacabamento, pela infinitização operada pelos atos poéticos. Trata-se de investigar como Paul Valéry, ao tomar o fenômeno como um acontecimento de estruturação – que se dá no entrelaçamento instantâneo entre múltiplas camadas do sensível e do inteligível –, elabora uma espécie de fenomenologia estrutural, em que a experiência da atividade estruturante desses cruzamentos constitui o espaço no qual eles se inter-respõem e se determinam simultânea e mutuamente. Para tanto, busca-se compreender como a poética valeriana é, ao mesmo tempo, pensamento e criação, por meio de “gestos compositivos heterogêneos” (Zular; Faleiros, 2018), que se efetivam em uma filosofia do gesto criador.

Desse modo, pretende-se confirmar a atualidade do pensamento valeriano e fazer uso de suas contribuições filosóficas tanto para o pensamento poético quanto para a poética do pensamento.

Uma filosofia do gesto criador

Por que, de fato, pode-se apontar uma filosofia do gesto criador em Paul Valéry? Como as questões do poético se dão em um pensamento que pensa o seu próprio ato criador enquanto cria e que, assim fazendo, instaura uma poética do pensar? Como, a partir da sensibilidade, chega-se a uma necessidade de outra ordem, criando-se uma segunda natureza? E, ao se alcançar essa natureza segunda pela ação de ordem estética, como se efetivam o encontro e a transmutação da realidade sensível na ampliação das possibilidades sógnicas? Por fim, como, com Valéry, as forças se mantêm vivas e sensíveis de maneira a exceder o criado, produzindo, por meio dele, um infinito estético?

Valéry, em sua poética do pensamento – compreendida como “um modo atento ao ato de pensar” (Schuback, 2020, p. 10) – configura uma fenomenologia estrutural do ato criador, distinguindo e exacerbando os movimentos de uma sensibilidade convocada pelo real e que, habitada por ele, ativa uma construção de signos capaz de preservar e crescer, segundo as complexas relações das quais emergem, essas múltiplas ressonâncias na obra. A criação de uma segunda natureza (estética), em sua complexidade, resulta de um prazer de fazer que se opõe à natureza primeira e imediata. Já que a natureza primeira é aquela que, em suas criações e em uma estreita relação consigo mesma, “segue, por exemplo, o *modelado* de suas formas pela ação de sua própria matéria, da qual nunca separa suas forças e nem pode distinguir-se” (Valéry, 1934, p. 111, tradução nossa)⁴. Diferentemente, com o prazer de fazer humano, que resulta na criação da segunda, há as operações sobre os seres e as coisas, sobre os acontecimentos, sobre aquilo que os mundos e a natureza oferecem, para disso o artista poder abstrair os símbolos de sua ação na qual seu poder de compreensão e seu poder de construção se combinam (Valéry, 1934), diferindo o ato da matéria sobre a qual opera.

Essa natureza complementar ou segunda, produto de um modo de pensar poético, que atua pelo prazer de fazer, exagera a aventura cósmica do espírito humano – inesgotável criador e transformador universal. O artista, portanto, efetiva-se como aquele que não separa “a faculdade de perceber daquela de modificar o objeto percebido e de o recriar segundo os recursos internos de sua estrutura mental” (Cain, 1958, p. 25, tradução nossa)⁵. Para Valéry (2023a), as forças sob formas se manifestam intermitentemente ao espírito humano e, nesse interminável atravessamento, de encontros e de combinações, o fazer agrega modificações com e a partir daquilo que, nas formas e no humano, não cessa de se formar. Assim, movendo-se nesse contato, no fluxo dessas linhas de forças heterogêneas e variantes, o humano amplia a si e as coisas em um fazer que estende as linguagens, pelo prazer de construir “linguagem dentro de linguagem” (Zular; Lucas, 2022). Nessa transmutação universal, dá-se a poesia: estado nascente, transitivo, provisório ou inacabado que implica a criação. Criação esta que resiste em suas possibilidades múltiplas de determinação, reconfigurando-se, a cada vez, em sua possibilidade estética infinita – ou em seu infinito estético. Trata-se daquilo que é constituído em uma trama entre o que é sentido junto a todas as coisas e as manobras intelectuais que tal encontro demanda.

Aqui o termo poesia tanto reafirma o sentido grego de seu étimo, que significa “fazer”, como o torna mais preciso ao acentuar o modo próprio desse fazer. O modo de pensar poético é o modo do pensar que se surpreende pensando, ou seja, na dinâmica própria de seu gerúndio. Assim, nesse modo de pensar, o que está em questão não são os pensamentos, os conceitos, as inferências e conclusões, os encadeamentos e a coerência e ainda menos a correspondência entre formas linguísticas e conteúdos da experiência ou

4 “[...] poursuit, par exemple, le modelé de ses formes par une action de leur matière même, de laquelle elle ne divise jamais ses forces et ne peut pas se distinguer.”

5 “[...] la faculté de percevoir de celle de modifier l’objet perçu et de le recréer selon les ressourcer internes de leur structure mentale.”

entre a mente e a realidade. O modo de pensar poético dedica-se a seguir atentamente os movimentos do estar pensando e os caminhos inauditos do seu vir à linguagem (Schuback, 2020, p. 10).

O modo de pensar poético acompanha os movimentos de produção e, simultaneamente, é o caminho – em se pensando – desses processos se fazendo, ou seja, é dinâmica e testemunho da vontade e do prazer de fazer, do ato de criar da e na criação.

A poética valeriana, por conseguinte, como também enfatiza William Marx (2023) na sua apresentação do *Cours de Poétique*, não se refere à poesia em sentido estrito ou mesmo tradicional, mas a toda e qualquer produção intelectual. Como evidencia Marx (2023), para caracterizar essa ressemantização etimológica – referida ao verbo grego *poiein* – Valéry lança mão, algumas vezes, da palavra *poïetique*, para assim focar aquilo que, em tal termo, compreende como sendo as “obras do espírito”. Desse modo, a poiética designa “o estudo da produção das *obras do espírito*, ou seja, das obras do humano que visam a agir sobre sua sensibilidade ou seu intelecto, sem intenção utilitária” (Valéry, 2023a, p. 82, tradução nossa)⁶. A não utilidade dessas ações diz respeito ao fato de que nelas há um excesso, uma sobra que, justamente, dota o humano de sua plenitude criadora. A atenção a essa capacidade de mais percepções do que lhe é necessário para satisfazer suas necessidades fisiológicas torna-o potencialmente mais sensível, abre-o ainda mais para as ondulações do real, que então o atrita, instigando-o a respostas de intensa complexificação cognitiva e sensorial.

Portanto, o exame dessa faculdade fundamental, que erroneamente se costuma opor à inteligência, mas que é, ao contrário, sua verdadeira potência motriz, a saber: a sensibilidade (Valéry, 2017), nos permite dispor das obras do espírito humano através daquilo que as constroem – ou seja, das “produções espontâneas da sensibilidade” ou de tudo aquilo que chega à consciência sem que tenha sido solicitado: percepção, sensação, lembrança, imagens, ideias, incluindo todos os fenômenos, mesmo os mais abstratos, do intelecto (Marx, 2023).

Em *Philosophie de la Danse* (conferência apresentada em 1936 na l'Université des Annales), Valéry diz ser “aquele que nunca opõe, que não sabe opor, a inteligência à sensibilidade, a consciência reflexiva aos seus dados imediatos” (Valéry, 2015, p. 44, tradução nossa)⁷. Assim, nesse excesso perceptivo em que se envolvem ativamente sensibilidade e consciência reflexiva não como recepção, mas como resposta ou reação que guarda do exterior apenas a sua variação em tudo aquilo que produz, emerge uma sensação que não é outra coisa que a transformação incessante da energia desse exterior. Desde um choque com esse fora, que interrompe um estado anterior para instalar o percebido, surge, ao mesmo tempo e a cada vez, um eu correspondente que reproduz esse acontecimento à sua maneira – como uma variação dessa exterioridade.

6 “[...] l'étude de la production des oeuvres de l'esprit, c'est-à-dire des ouvrages de l'homme qui visent à agir sur sensibilité ou son intellect, sans intention utilitaire.”

7 “[...] celui qui n'oppose jamais, qui ne sait pas opposer, l'intelligence à la sensibilité, la conscience réfléchit à ses données immédiates [...]”

Isto é, na percepção de algo, que em um primeiro tempo é apenas o percebido desse algo, fabrica-se uma espécie de eu instantâneo capaz de separar ou distinguir o que disso é não-eu, no mesmo momento em que o reconstitui interiormente. Essa reconstituição seria, então, para Valéry (2023a), um estado elementar, que se produz desde um choque, enquanto fato ou reação de sensibilidade. Uma relação entre uma energia excitante e uma intensidade de sensação, que se constata pelos reflexos por meio dela produzidos (pela outridade da sensação que são esses reflexos). Nesse ponto, em tal experiência, o humano ainda não o é em um sentido completo, mas reduzido ao momento da sensação, à instantaneidade necessária e suficiente para sentir e testemunhar aquilo que então se opõe a ele como sendo um não-eu caracterizado por essa sensação. Assim, no lugar de um estado anterior qualquer, há a substituição por “um eu e um não-eu instantâneos, que constituem o fato de sensação” (Valéry, 2023a, p. 435)⁸.

Essa sensibilidade em questão se passa em uma fração de segundo a partir desse eu diminuído, despersonalizado e inconsciente para então haver uma acomodação interior disso que será posteriormente ordenado e orientado em direção a um determinado sistema de classificação. Aqui se dá uma complexificação que se divide em: convocar no humano a sua completude de indivíduo – com todas as suas pretensões, qualidades e todos os seus poderes – que será capaz de fazer dessa sensação, por exemplo, a natureza específica de uma ideia, de um conhecimento etc. e a própria especificação e precisão dessa natureza, desse acontecimento sensível. Uma reconstrução, portanto, uma diferenciação desse eu anterior e mínimo, que agora se faz pleno em sua capacidade de também fabricar o inteligível, e uma reconstrução daquilo que foi percebido então como sendo agora também (da ordem da) inteligibilidade. Nesse segundo momento, a sensibilidade e a inteligência se unem e se configuram na medida em que são demandadas e exigidas por aquilo que transmutam, variam, traduzem em diferentes sistemas, ordens, planos. “Há aqui, por consequência, um duplo processo, um que consiste na modificação do não-eu pelo eu, e do eu pelo não-eu. Tudo isso é correlativo” (Valéry, 2023a, p. 439, tradução nossa)⁹.

Trata-se de um estágio em que, nessa duração de sensibilidade de uma sensação, por meio desse breve instante, fecunda-se o germe que se desenvolverá nesse humano completo, com uma necessidade de sensibilidade de outra ordem. Valéry, com efeito, assume o caráter de tateamento de todo esse processo, que toma principalmente a si mesmo como objeto de análise (sem outra testemunha possível), mas isso não o impede de alcançar a profundidade e a agudeza, em suas intensas deduções, que desvelam, então, a conduta criadora. A conduta criadora nasce, portanto, desse eu de sensibilidade, isto é, de um eu sem memória e puramente funcional, que terá de

8 “[...] un moi et un non-moi instantanés, qui constituent le fait sensation.”

9 “Il y a, par conséquent, ici un double processus, un qui consiste dans la modification du non-moi par le moi, et du moi par le non-moi. Tout ceci est corrélatif.”

fabricar, desde seu limite de visão e constatação, o inteligível que lhe será necessário para encontrar as possibilidades de diferenciação tanto daquilo que vê como de sua própria inteligência que se instaura a partir daí. Dessa maneira, o eu criador, de fato, é mínimo, pois “o eu que descobre a ideia não é ainda o eu que a avalia” (Valéry, 2023a, p. 440, tradução nossa)¹⁰. Antes da sucessão do eu da criação por outros eus ou antes da potência animadora da inteligência de suas próprias variações, “há aquele que vê, mas ele é anterior àquele que vai aprovar ou desaprovar a ideia, àquele que poderá admirar-se de tê-la encontrado” (Valéry, 2023a, p. 440, tradução nossa)¹¹.

Certamente, é preciso que se coloque em relevo que sem a atestação desses diferentes eus, estados sucessivos do humano, seria impossível uma compreensão de como se articulam e se estruturam as produções do espírito. Sendo assim, as produções das obras do espírito, em seus processos de criação ou no momento em que se produzem, são intrinsecamente vinculadas a esse eu incompleto e indeterminado do instante. É a partir dessa condição de restrição que se cria, ou seja, a partir do gesto espontâneo desse eu criador que atualiza um estado nascente e inaudito, ainda sem a intervenção e a amplitude do poder ser, da completude que demanda a união de todas as possibilidades sensoriais e intelectuais articuladora de uma nova reação de sensibilidade – em que então se desdobra em resoluções de aceitação e aprovação ou rejeição (Valéry, 2023a).

Contudo, esse estado instantâneo de que depende a criação, justamente por carecer de consciência, precisa ser imaginado. Para tanto, Valéry lança mão de uma análise do sonho – quer dizer, daquela condição de exata reciprocidade a imagens e a sentimentos que se produzem por meio de excitações veladas, consequentes de ações exercidas sobre o sistema nervoso humano – já que no sonho somente esse eu instantâneo (da criação) é possível, caso contrário, o sono não se consumaria. Com esse exemplo, então, vislumbra-se o funcionamento dessa engrenagem de criação, pois, esse eu do sonho, se mostra totalmente livre e sem reservas na sua capacidade inventiva, de forma a tornar concreto os movimentos desse estado que se justifica apenas por meio de suas próprias criações. O eu do sonho, em sua deficiência de consciência e restrito em informações, é forçado a criar as suas próprias razões. Assim, o sonhador, sendo a única testemunha daquilo que sente e vê, completamente aderido aos atravessamentos e aos movimentos de suas impressões, explica criando. É nesse sentido que se pode constatar os movimentos de produção espontânea de uma sensibilidade puramente instantânea.

Mas, a livre e infinita capacidade inventiva, o excesso, a sobra que move um eu deficiente em consciência e mínimo é também aquela que o acresce de outros eus e de mundos possíveis, mobilizando-o a criar, a se ultrapassar para atuar a variação de possibilidades perceptivas e fabricacionais, isto é, a buscar a atualização da inteligibilidade em uma possível abertura e ampliação de sentido. Nesses caminhos do vir a ser da criação, desde a primeira sensação até as resoluções e os

10 “Le moi qui découvre l’idée n’est pas encore le moi qui l’évalue [...]”

11 “[...] il y a celui qui voit, mais il est antérieur à celui qui va approuver ou désapprouver l’idée, à celui qui pourra s’admirer de l’avoir trouvée.”

ordenamentos últimos em um conhecimento, em uma ação, há uma dobra tradutória de sensibilidade que, ao fabricar o sistema geral do mundo exterior, metamorfoseando toda a exterioridade em uma variação da interioridade (no não-eu da energia desse exterior) – sendo a sensação já intervenção e produção humana de diferenças, de heterogeneidades – marca uma relação de “oposição entre o funcionamento e o produto do funcionamento” (Valéry, 2023a, p. 446, tradução nossa)¹². A sensibilidade torna-se sensível a si mesma junto e em oposição àquilo que sente e transforma ou produz, assim como a consciência também se tornará consciente de si mesma em um movimento de diferenciação permanente daquilo que entende. E isso, inevitavelmente, agirá nos respectivos graus de sensibilidade e inteligibilidade, já que “o aparelho sensível sabe que está envolvido em uma aventura que o ultrapassa; por isso, não hesitará em atrair cada vez mais outros recursos do ser em uma empreitada sempre mais complexa” (Cain, 1958, p. 29, tradução nossa)¹³.

Os funcionamentos desses eus sucessivos, na medida em que se intensificam cada vez mais sobre si mesmos, atentos aos seus próprios movimentos construtivos, alteram, complementam, estruturam mutuamente os fenômenos que eles mesmos são assim como o fazem também com respeito às suas produções, de modo a estabelecer uma sensível relação de correspondência e distinção entre o produto (dependente desses funcionamentos) e o respectivo eu que o produz. Consequentemente, por essa ação recíproca e interdependente de diferenças entre eus e mundos, que transforma a interioridade do humano e a exterioridade atual limitada (enquanto mundos ou sistemas correlatos de sensações, ainda não nocionais ou não relativas ao mundo pragmático e ordinário), configura-se o modo de ser das produções da sensibilidade. É por esse motivo que “o funcionamento da sensibilidade limitado ao seu exercício orgânico torna-se em si um elemento criador” (Cain, 1958, p. 28, tradução nossa)¹⁴. Com isso, exercer conscientemente a criação opera uma inversão com a qual se pode afirmar que “o olho é menos feito para ver a árvore e a paisagem do que a árvore e a paisagem são feitas para que o olho as veja” (Cain, 1958, p. 28, tradução nossa)¹⁵.

Nessa empreitada da sensibilidade até uma outra necessidade, distinta de todas as razões que não sejam as suas próprias, a aventura cósmica do espírito humano afirma o gesto não de uma invenção ou outra, mas do seu próprio movimento ou processo inventivo. Em outras palavras, por meio de um consciente e voluntarioso prazer de fazer, o gesto inventivo e compositivo não faz nascer uma coisa ou outra – um objeto ou outro –, mas a própria condição de inventividade de seus processos e de suas relações em uma diferença potencial. Efetivamente:

Seja qual for o nome dado a esses inventores, no campo da metafísica ou da arte, o choque de que seu organismo necessita, eles exigem sempre que seja o mundo concreto a fornecê-lo, mas fora das condições que normalmente

12 “[...] l’opposition entre le fonctionnement et le produit du fonctionnement.”

13 “[...] l’appareil sensible se sait engagé dans une aventure qui le dépasse ; aussi n’hésitera-t-il pas à attirer toujours davantage d’autres ressources de l’être dans une entreprise toujours plus compliquée.”

14 “[...] le fonctionnement de la sensibilité borné à son exercice organique devient en soi un élément créateur.”

15 “L’oeil est moins fait pour voir l’arbre et le paysage que l’arbre et le paysage ne sont faits pour que l’oeil voie.”

o regem, em condições por eles desejadas, capazes, no entanto, de se reproduzir sempre que uma certa redistribuição de forças do universo se encontre envolvida. Mais uma vez, sobre essa fina crista radiante onde se recarrega a energia do mundo, o artista e o sábio iriam trocar os seus segredos (Cain, 1958, p. 26, tradução nossa)¹⁶.

Valéry, com a sua filosofia do gesto criador, expõe os modos de existência desses sucessivos eus de transformação, desde uma experiência de sensibilidade produtora das obras do espírito, tornando visível essa relação de correspondência entre eles e o ato de crescer ou complementar o fenômeno que os implica, segundo a energia ou as forças do universo.

Assim, na ordem das sensações, há certas experiências infinitamente pequenas, infinitamente pouco importantes, que, no entanto, evidenciam toda uma multiplicidade de possibilidades que estão ali. É este um ponto sobre o qual gostaria de chamar a atenção, pois não esqueço que o objetivo final deste curso, ou melhor, destas pesquisas, não é outro senão a produção da obra, e que considerações deste tipo têm, na produção das obras, a maior importância. É neste ponto, situado entre a primeira sensação e a resolução posterior em conhecimento, em associação de ideias, em ação etc., é neste ponto que o artista e, por vezes, o sábio podem intercalar algo de novo, um novo desenvolvimento, que não seguirá o desenvolvimento comum das ideias nem se unirá à prática, mas que se afastará rumo a um mundo completamente diferente, que poderá conduzir à concepção de ideias e de obras que não estão, aliás, forçosamente implicadas no reconhecimento do objeto em questão (Valéry, 2023a, p. 452-453, tradução nossa)¹⁷.

Com efeito, no instante da criação, é preciso, primeiramente, que se atente para as operações do eu mínimo, suprimindo todo o saber e todo o esforço de reconhecimento que condicionam a percepção, para que, com ele, se possam ver as forças mobilizadoras e excitantes da exterioridade e, sem reservas, assim como se lê um texto em uma língua desconhecida, nas palavras de Valéry, compor uma natureza segunda.

16 "De quelque nom que se nomment ces inventeurs, dans le domaine de la métaphysique ou de l'art, le heurt dont leur organisme a besoin, ils demandent toujours au monde concret de leur fournir, mais en dehors des conditions qui le régissent habituellement, dans des conditions voulues par eux, capables pourtant de se reproduire chaque fois qu'une certaine répartition des forces de l'univers s'y retrouve intéressée. Une fois encore, sur cette mince crête rayonnante où se recharge l'énergie du monde, l'artiste et le savant allaient échanger leurs secrets."

17 "Il y a ainsi, dans l'ordre des sensations, certaines expériences infiniment petites, infiniment peu importantes, qui cependant montrent toute une multiplicité de possibilités qui sont là. C'est là un point sur lequel je voulais attirer votre attention, car je n'oublie pas que l'objet final de ce cours, ou plutôt de ces recherches, n'est autre que la production de l'oeuvre, et que des considérations de ce genre ont, dans la production des oeuvres, la plus grande importance. C'est à ce point, situé entre la première sensation et la résolution ultérieure en connaissance, en association d'idées, en action, etc., c'est à ce point-là que l'artiste et, quelquefois, le savant peuvent intercaler quelque chose de nouveau, un nouveau développement, qui ne va pas suivre le développement commun des idées et rejoindre la pratique, mais qui s'éloignera vers un monde complètement différent, qui pourra conduire à la conception d'idées et d'oeuvres qui ne sont pas forcément, d'ailleurs, impliquées dans la reconnaissance de l'objet en question."

Pensar a experiência criadora

Sendo assim, este estudo delinea – para além da dicotomia recorrente que alterna a leitura entre um Valéry esteta ou formalista – o modo como o autor pensa a experiência criadora enquanto processo fenomênico estruturante, no qual se entreveem as transformações estéticas do real no decorrer de seus movimentos formativos. Torna-se visível, desse modo, a atuação da sensibilidade como força motriz das formas, do pensamento e da experiência, evidenciando os agenciamentos próprios de uma fenomenologia da criação poética, que atualiza o estatuto da criação e contribui para o pensamento estético contemporâneo.

O problema examinado revela, portanto, não apenas uma lacuna interpretativa, mas um impasse filosófico decisivo: o de pensar a experiência criadora sem reduzi-la nem ao psicologismo nem ao formalismo abstrato. É nessa tensão – própria de uma ontologia da criação (ou da transmutação incessante de energias excitantes e do infinito estado de passagem do prazer de fazer se fazendo) – que se insere o pensamento poético de Paul Valéry.

Referências

CAIN, Lucienne Julien. **Trois essais sur Paul Valéry**. Paris: Gallimard, 1958.

MARX, William. Introduction. Une anthropologie de l'esprit. In: VALÉRY, Paul. **Cours de Poétique I. Le corps et l'esprit 1937-1940**. Paris: Gallimard, 2023. p. 9-67.

VALÉRY, Paul. **A arte de pensar: ensaios filosóficos**. Tradução, notas e introdução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Tradução João Alexandre Barbosa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VALÉRY, Paul. **Cours de Poétique I. Le corps et l'esprit 1937-1940**. Édition de William Marx. Paris: Gallimard, 2023a.

VALÉRY, Paul. **Cours de Poétique II. Le langage, La société, l'histoire 1940-1945**. Édition de William Marx. Paris: Gallimard, 2023b.

VALÉRY, Paul. **Le Bilan de l'intelligence**. Paris: Édition Allia, 2017.

VALÉRY, Paul. Petit discours aux peintres graveurs. In: VALÉRY, Paul. **Pièces sur l'art**. Paris: Gallimard, 1934. p. 107-113.

VALÉRY, Paul. **Philosophie de la danse**. Paris: Éditions Allia, 2015.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Introdução. Por um modo de pensar poético. In: VALÉRY, Paul. **A arte de pensar: ensaios filosóficos**. Tradução, notas e introdução Marcia Sá Cavalcante

Schuback. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 8-20.

ZULAR, Roberto; FALEIROS, Álvaro. **Situação de Valéry traduzido no Brasil**. Remate de males, Campinas, v. 38, n. 2, p. 631-682, 2018.

ZULAR, Roberto; LUCAS, Fábio Roberto. Fazer para fazer. In: ZULAR, Roberto; LUCAS, Fábio Roberto. **Poiética [cadernos]**. Paul Valéry. Tradução e estudo Roberto Zular e Fábio Roberto Lucas. São Paulo: Iluminuras, 2022. p. 17-29.

Submissão: 18/05/2026

Aprovação: 24/06/2026